

EDITORIAL

Em meio a um momento tão singular e difícil no mundo, devido à pandemia da Covid-19, o Laboratório de História Antiga (Lhia) da UFRJ apresenta o primeiro número da revista *Phoînix* de 2020 buscando resistir às adversidades, se solidarizar com todos os esforços de combate ao vírus e desejar que retornemos à normalidade em breve. Vale ressaltar que as epidemias e as pestes não são exclusividades do mundo contemporâneo. Apesar de nenhum artigo publicado neste número tratar de tal assunto, vale destacar que o mundo antigo vivenciou várias situações similares à atual. Como forma de marcar os seus 25 anos, recomendamos um retorno ao primeiro número da *Phoînix*, lançado em 1995, pois nele a peste ateniense de 430 a.C., sob a perspectiva de Tucídides, um contemporâneo de tal calamidade, é objeto de análise do texto de Helena M. Mollo. Talvez as experiências da Antiguidade possam ser importantes para enfrentarmos a nossa contemporaneidade.

O primeiro artigo deste número aborda o Egito antigo. Utilizando como documentação os *Textos dos sarcófagos*, Catarina Apolinário de Almeida enfoca a serpente monstruosa Apep, que diariamente ameaça o nascimento solar, como fundamental para a compreensão da problemática mitológica do caos no antigo Egito. A autora procura compreender, especificamente, de que forma a percepção dessa serpente na mundividência cósmico-mitológica egípcia a torna símbolo de inimigo na literatura funerária.

Centrando-se em um recorte sobre o mundo grego, temos os artigos de Bruna Moraes da Silva, que analisa os discursos referentes ao portar-se guerreiro presentes nas epopeias de Homero; de Camila Alves Jourdan, que busca entender a dinâmica do mundo marinho em sua concepção pelos helenos, a partir da perspectiva de conectividade, sobretudo no que se refere ao imaginário; e, ainda, o de David Pritchard, que se dedica ao estudo da posição dos marinheiros na Atenas democrática. O autor defende que um cidadão encontrava seu dever marcial servindo tanto como marinheiro quanto como um *hóplita*, o que difere da visão negativa dos marinheiros que os cidadãos da elite sustentaram no período arcaico.

Os dois próximos artigos abordam a sociedade romana antiga. Gisele Ayres Barbosa propõe, em seu texto, estabelecer olhares sobre a vida pública romana na segunda metade do século II a.C., a partir da análise das imagens dos reversos dos denários cunhados por Caio e Tibério Minúcio Augurino, com ênfase no poder da aristocracia, seus atributos e representações. Já Matheus Trevizam comenta o aspecto da “polifonia” em “Aetna”, poema didático escrito no início do período imperial romano.

A *Antologia palatina*, que abrange um recorte cronológico mais ampliado, é a documentação analisada por Elbia H. Difabio. Ela centra a sua análise em Dioniso e o vinho, buscando indagar as motivações e as referências ao deus, com um triplo objetivo: examinar a natureza representativa plástica de seus atributos e representatividades; estimar os elementos primordiais que a imaginação coletiva retinha; e justificar a relação multivalente homem-divindade nesses documentos poéticos.

O próximo artigo, de Airan dos Santos Borges de Oliveira, estuda a recepção dos clássicos na obra atribuída a João Martins de Ataíde (1880-1959), sobretudo no cordel *Peleja de Manoel Raymundo com Manoel Campina*, de 1941.

Encerrando o presente número, o artigo de Ivan Esperança Rocha discute a ampliação do espaço de aprendizagem na Universidade, levando em consideração a disponibilidade e utilização de novas tecnologias de ensino a distância, com impacto na área de História da Antiguidade.

Por fim, neste momento tão conturbado de nossas vidas, convidamos os estudiosos do mundo antigo, bem como o público em geral, para uma leitura proveitosa e propositiva dos artigos que compõem este número da *Phoînix*, rememorando, assim, os 25 anos da revista.

Os Editores